

## **COLLEGAMENTO CH**

Rocca di Papa, 27 de março de 2021

**Após a audiência com o Papa Francisco**

### **QUAIS AS PERSPECTIVAS PARA O MOVIMENTO DOS FOCOLARES?**

**Uma reflexão com Margaret Karram e Jesús Morán**

- 1. Abertura e saudações**
- 2. Introdução e contribuições de Mohammed Rassim Bouabdallah, Mabel Aghadiunho, Paula Luengo**
- 3. Dialogando com Margaret Karram (1)**
- 4. Introdução e contribuições de Stephen Pong, Marco Impagliazzo e Patrick Gilger**
- 5. Dialogando com Jesús Morán (1 e 2)**
- 6. Dialogando com Margaret Karram (2)**
- 7. Introdução e pensamento de Chiara Lubich: “Para sermos um povo de Páscoa”**
- 8. As felicitações de Páscoa de Margaret Karram**
- 9. Conclusão**

## 1) ABERTURA E SAUDAÇÕES

(Música e legendas)

COLLEGAMENTO CH

Após a audiência com o Papa Francisco

QUAIS AS PERSPECTIVAS PARA O MOVIMENTO DOS FOCOLARES?

Uma reflexão com Margaret Karram e Jesús Morán

Giulio Meazzini: Que bonita essa abertura! Bom dia, e bem-vindos a todos os que nos assistem. Bom dia Margaret, bom dia Jesús, e obrigado a todos aqueles que ajudaram a preparar este belo momento.

Eu sou Giulio Meazzini, engenheiro, jornalista, e responsável pela seção de cultura da revista Città Nuova e também pelo site.

O Collegamento de hoje vai ser um pouco diferente. Queremos aproveitar este momento com a Margaret Karram, nova Presidente do Movimento dos Focolares, e com Jesús Morán, Copresidente, para aprofundar, após quase dois meses das eleições da Margaret, as palavras que o Papa dirigiu aos focolares no final da Assembleia Geral. Palavras importantes, que vamos aprofundar com a ajuda de pessoas de várias idades, culturas e experiências, sejam elas do Movimento, ou que possuam uma visão externa do Movimento.

Para encorajar o Movimento no seu caminho, o Papa ofereceu algumas reflexões que suscitaram várias reações. Alguns as interpretaram como uma crítica aberta aos Focolares; outros como uma ajuda que a Igreja dá ao Movimento para que cresça coerente com seu carisma. Foram vários os pontos que o Papa destacou; vamos aprofundar alguns deles.

Por exemplo, o Papa Francisco encorajou o Movimento a não esquecer a proximidade, que é a linguagem mais autêntica de Deus; “a proximidade é o estilo de Deus”, estas foram as palavras do Papa.

## 2) INTRODUÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DE MOHAMMED RASSIM BOUABDALLAH, MABEL AGHADIUNHO, PAULA LUENGO

Giulio: A este propósito, nossa reflexão contará com o contributo de Rassim Bouabdallah, um jovem muçulmano argelino que vive no Focolare de Tlemcen. Teremos também o contributo de Mabel Aghadiunho, uma médica, cidadã britânica de origem nigeriana, portanto uma pessoa que abraça dois continentes. E por fim, o terceiro contributo será de Paula Luengo, psicóloga chilena que trabalha na América do Sul e na Itália.

Vamos acompanhar.

Mohammed Rassim Bouabdallah – Argélia (em francês): Gostei desse convite do Papa para viver a espiritualidade com coerência e realismo. Na minha opinião, é uma mensagem acessível ao mundo todo na sua diversidade. Ao mesmo tempo, ao ouvi-lo,

eu me lembrei da Regra de Ouro que diz para amar os outros como a si mesmo. Nós, muçulmanos, dizemos que ninguém é crente se não ama os outros como a si mesmo. Portanto, vejo o convite do Papa com os olhos da Regra de Ouro: sermos coerentes com a nossa fé, colocá-la em prática; por isso não pode faltar o realismo. Assim, é necessário que nos amemos, sendo coerentes com a nossa identidade, com o que realmente somos, conscientes do nosso modo de ser na realidade em que nos encontramos.

Na minha opinião, nisso reside a plena realização do ser humano. Na prática, é o que Chiara sempre nos disse: amar o outro como somos, certos de que somos amados por Deus, até que o Seu amor nos alcance e, com o nosso verdadeiro ser, agir de acordo com aquilo em que acreditamos e fazemos.

Enfim, pessoalmente, posso dizer que o Papa é um sinal de paz e é também o primeiro a viver estas palavras; ele vive esta realidade para poder doá-la aos outros; basta ver tudo o que ele fez nos últimos anos no mundo muçulmano; os muitos momentos de diálogo e fraternidade com o povo de Abraão.

Mabel Aghadiunho – Nigéria (em inglês): Moro na Nigéria, em Abuja, e vejo injustiça e pobreza devido a causas locais, mas também globais. Nesta situação, o que me ajuda é conviver com outras pessoas, com as focolarinas de diversos países. Conversamos sobre os problemas. Talvez eu veja as coisas de forma limitada, e elas me ajudam a ampliar minha visão. Este é o dom que temos no Movimento: a visão pessoal pode se tornar mais ampla quando acolhemos a visão e os sentimentos dos outros. Acho que é uma grande oportunidade, uma magnífica oportunidade para nós, do Movimento dos Focolares, para recomeçarmos, sendo cada vez mais o que somos e o que devemos ser, um dom para o mundo. Vejo que as escolhas que os políticos fazem localmente sem dúvida têm um impacto na vida das pessoas aqui, mas, ao mesmo tempo, vejo que as escolhas dos políticos dos países ricos podem ter aqui um impacto devastador.

Portanto, considero as palavras do Papa uma grande oportunidade para nós do Movimento dos Focolares.

Paula Luengo – Chile (em espanhol): Acho que é um movimento de proximidade, mas tem que ser consciente, ou seja, perguntar: perto de quem decidimos estar? Queremos retomar o diálogo com a realidade. Queremos fazer uma nova aliança com a realidade, mas devemos nos perguntar de que realidade estamos falando, de qual realidade preferimos ir ao encontro. Sabemos que vivemos em tempos complexos, que se pode morrer de desigualdade. E ela implica um forte problema de dignidade: por que uma vida vale mais que a outra? Por que uma vida tem mais valor do que a outra? E a Assembleia Geral do Movimento dos Focolares se conscientizou disso. E viu a necessidade de agir com coragem, com audácia. Uma audácia que começa dentro do Movimento, reconhecendo as exclusões, que certos aspectos da humanidade eram para nós invisíveis e, portanto, ter a coragem de descer do pedestal, de deixar de lado a superioridade e a autorreferencialidade e eliminar o espaço que nos afasta dos que sofrem, dos marginalizados, dos invisíveis, dos que são discriminados.

Há uma imagem preciosa das origens do Movimento com Chiara Lubich, quando ela dizia que sentados à mesa estava: uma focolarina e um pobre, uma focolarina e um pobre. Portanto, devemos buscar e trazer para a nossa mesa aquela porção de humanidade excluída, abraçá-la, agir. Reconhecer junto com outros, em rede as causas sistêmicas que estão na origem da desigualdade. Para reavivar o que chamamos, não apenas de opção preferencial pelos excluídos, mas uma paixão preferencial por eles.

### 3) **DIALOGANDO COM MARGARET KARRAM (1)**

Giulio: Obrigado Rassim, Mabel, e Paola.

Margaret, a Paula nos diz que precisamos descer do pedestal e fazer, sem hesitar, a opção preferencial pelos pobres; enquanto Rassim e Mabel destacam o fato que nas várias comunidades do Movimento temos pessoas de culturas, idades, igrejas e religiões diferentes. Este é um grande desafio, mas também uma oportunidade para estarmos mais próximos, em todas as situações. O que você acha?

Margaret: Eu acredito que sim e agradeço a todos que falaram antes, porque foi muito bonito e essencial. Enquanto ouvia, eu me lembrei do que Chiara também sempre nos ensinou e que chamou de “a arte de amar”. Alguns pontos dessa arte de amar são: fazer-se um, amar a todos, ver Jesus no outro, ver a imagem de Deus no outro. Esses são alguns pontos que nos ajudam a entender o que significa amar o próximo. O próximo é a pessoa que Deus coloca ao nosso lado. Sempre me impressionou a frase de Chiara que cada um foi criado como um dom para mim e eu fui criada como um dom para o outro. Então, qualquer pessoa, pobre, rica, de outra Igreja, de outra religião, de outra convicção, cada pessoa, de qualquer cultura, de qualquer país, é um dom para mim.

Nesse sentido, eu também posso ser um dom para o outro. Estar próximo significa para mim fazer-se um profundamente com o outro, entrar realmente na sua vida e, como se diz, estar na pele do outro. Eu experimentei muitas vezes que, se considero o outro como um dom para mim, fica mais fácil amá-lo, respeitá-lo na sua diversidade. Mas também descobri que não basta amar o outro, devo aceitar ser amada. E vi muitas vezes como isso é difícil, tanto para mim como para os outros. Muitas vezes tentei fazer atos de amor, pequenos atos de amor; mas, às vezes, não são aceitos, porque o outro quer ser independente, ou eu não o amei como ele gostaria. Aprendi que deixar-me amar como o outro deseja me amar dá uma grande liberdade interior. E isso remove qualquer preconceito e qualquer barreira do meu coração; porque me deixa livre para aceitar o outro como ele é; e me dá a liberdade de construir relacionamentos sinceros, verdadeiros e transparentes. Esse relacionamento nos traz profundidade e nos leva a ter um relacionamento lindo com a outra pessoa; de certa forma sentimos que ele é parte da família, e ninguém pode tirar essa proximidade, porque faz parte da nossa vida. Para mim, é esse o significado de ser próximo.

### 4) **INTRODUÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DE STEPHEN PONG, MARCO IMPAGLIAZZO E PATRICK GILGER**

Giulio: Muito bem, Margaret. Obrigado. Outro ponto destacado pelo Papa é ligado ao período pós-fundadora, e o risco de um fechamento em si mesmo. O Papa diz: “A autorreferencialidade impede de ver os erros e falhas, freia o caminho e impede uma verificação aberta dos procedimentos e estilos de governo”. A respeito disso pedimos um comentário e um conselho a Stephen Pong, focolarino casado do focolare de Hong Kong, e a dois observadores externos: Marco Impagliazzo, Presidente da Comunidade de Santo Egídio, que muitos de vocês conhecem, e Patrick Gilger, jesuíta, doutorando da New School for Social Research de Nova York, que está estudando, justamente neste momento, vários movimentos eclesiais, cujo conteúdo na sua íntegra pode ser acessado no site do *Collegamento*.

Vamos escutar.

Stephen Pong – Hong Kong (em chinês): A sociedade de Hong Kong ficou dividida no ano passado devido a diversas posições políticas. Alguns membros do Movimento e até meus próprios parentes tinham opiniões opostas e não interagiam entre si. Eu mantive uma atitude aberta e continuei dialogando com eles, ouvindo suas opiniões; ao mesmo tempo exprimia os princípios da unidade na diversidade. Assim, aos poucos, o nosso relacionamento melhorou.

De fato, o apelo do Papa coincide com o desenvolvimento do Movimento nos últimos anos. Seis anos atrás a Obra pediu a nós, membros internos, para nos “prepararmos” bem e fortalecermos o espírito de unidade, para depois “sair” “juntos” para alcançar a harmonia social, cuidando dos grupos desfavorecidos da nossa sociedade. A última Assembleia Geral evidenciou que, na triste situação de hoje, devemos sair da nossa zona de conforto e abraçar cada semblante de Jesus Abandonado na sociedade. Creio que se nós e toda a comunidade local vivermos as diretrizes propostas no “Documento Final”, continuando a compartilhar a cultura do amor mútuo com a nossa sociedade nos próximos anos, poderemos responder ao pedido que o Papa nos fez: viver a nossa espiritualidade com coerência e realismo.

Pensando nisso, não posso deixar de louvar a obra do Espírito Santo!

Marco Impagliazzo: Estou muito feliz em contribuir com este Collegamento de vocês.

Creio que a autorreferencialidade de que o Papa fala é um problema de todos na Igreja, dos movimentos, mas também da instituição enquanto instituição.

Todos nós temos que lidar com esse problema. Para superar a autorreferencialidade, a meu ver, devemos fazer o que o Concílio nos disse, que retomou este conceito do Evangelho: ler os sinais dos tempos, isto é, aprender da realidade através da qual Deus nos fala, pois Ele nos diz muitas coisas; e se deixarmos a autorreferencialidade podemos ouvir a voz de Deus que fala na realidade e seguir os caminhos que Ele nos indica.

Pensei na parábola do Bom Samaritano. O Bom Samaritano é aquele que sai da autorreferencialidade; caminha pela estrada, mas, ao ver o homem caído, para. Ele não considera o seu programa, como fizeram o levita e o sacerdote, interrompe os seus programas porque vê um homem semimorto. Essa é a saída da autorreferencialidade.

E a maior saída para mim, na minha experiência também de Santo Egídio, são os

pobres. São eles que nos fazem sair de nós mesmos, dos nossos esquemas, da nossa linguagem e nos falam e nos chamam para o caminho que Jesus nos mostra.

Isso é ainda mais verdadeiro no mundo em crise de hoje, a crise da pandemia, na qual aprendemos que só podemos ser salvos juntos; não sozinhos, não seguindo os nossos programas, os nossos esquemas, a nossa linguagem. Mas nos abrindo para o outro, passando do eu para o *nós*. Este *nós* que deve crescer todos os dias porque os próprios cristãos precisam ser o fermento deste *nós*.

Na minha opinião, esta é a maneira modesta de sair da autorreferencialidade.

Patrick Gilger – jesuíta dos EUA (em inglês): Vocês receberam um presente de Chiara e das suas companheiras e sabem que existem alguns pontos fracos e estão aprendendo a reconhecê-los, mas é sempre uma dádiva; [...] e gostaria de reiterar: vocês sabem que um dos erros que podem surgir deste dom é tentar apressar a presença de Jesus. Mas gostaria de lhes dizer, [...] que ninguém pode controlar a vinda Dele, o que significa que não podemos produzir ou fabricar a presença de Jesus em nosso meio. Não podemos apressá-lo. Ele vem quando quer.

Portanto, a espiritualidade de vocês é um método não para coagir, mas para convidá-lo a vir, para abrir espaço a Ele, para “ser o vazio de si”, a fim de que Ele o possa preencher. [...] A minha experiência como sacerdote e como acadêmico é que as pessoas não precisam de palavras sobre o sofrimento. Já conhecem o próprio sofrimento. O que elas precisam é de vocês, da presença de vocês, do carinho de vocês em meio à experiência de sofrimento. E eu acho que isso é característico da sua espiritualidade, pois entendi que vocês têm uma capacidade incrível de estar ao lado dos vulneráveis, mas não podemos forçar ninguém: nem vocês podem fazer isso nem outros, nem mesmo outros membros do Movimento.

Portanto, gostaria de dizer que os outros devem lhes permitir que vocês sejam únicos e diferentes. É uma experiência recíproca e se não for, não é real [...]. E se vocês não forem plenamente vocês mesmos, isto é, vulneráveis; se não oferecem as próprias ideias e dons exclusivos, involuntariamente estarão impedindo que recebam a dádiva da unidade. Temos a tendência de transformar muito rapidamente a possibilidade da unidade na realidade da uniformidade. Sejam vocês mesmos: é disso que vocês e eu precisamos. E isso é válido dentro e fora do Movimento. [...]

Obrigado. E que Deus os abençoe, enquanto vocês fazem o melhor a fim de permitir que a dádiva que Ele lhes deu atue e alcance o mundo através de vocês, para que possa emergir ainda mais plenamente.

Giulio: Um obrigado a Steven, Marco e Patrick.

## 5) **DIALOGANDO COM JESÚS MORÁN (1 E 2)**

Giulio: Jesús, uma das coisas que mais me marcaram na fala do padre Patrick é que nós somos aqueles da unidade, é verdade, mas às vezes arriscamos transformá-la em uniformidade de ideias, em uniformidade de pensamento. O que você acha disso?

Jesús Morán: Creio que o risco existe e sempre existirá. A uniformidade é uma deformação da unidade, é como se a unidade fosse ou estivesse sendo sequestrada; as pessoas não se sentem livres, não são elas mesmas. Ao invés, quando fazemos uma experiência de verdadeira unidade, cada um se sente ele mesmo, também na sua diversidade, na sua identidade, de cultura, de etnia, de religião, de gênero... Eu sempre pensei que a unidade é tanto mais verdadeira quanto maior for a capacidade de conter a diversidade; quanto mais diversidade é capaz de conter, mais verdadeira ela é.

Ao mesmo tempo, a unidade não é desordenada, é harmônica, é ordenada; cada um tem a própria função. Não é algo simples, sabemos muito bem disso, mas também não é impossível; requer um amor muito profundo, capacidade de sacrifício. Sem dúvida, vamos colocar assim, significa abertura ao outro, escuta. A alegria que experimentamos quando fazemos uma experiência profunda de unidade é irrimediável. Penso no relato do Evangelho sobre Pentecostes: ali vemos que as pessoas falam muitas línguas e ainda assim se entendem; cada um tem sua identidade diferente dos outros, mas todos se entendem.

No entanto, nunca esqueçamos que a unidade é uma dádiva. E que Jesus rezou pela unidade, e isso significa muito.

Giulio: Muito claro, Jesús, obrigado.

O Papa em seu discurso também se referiu à necessária distinção entre “foro interno” e “foro externo”, entre a dimensão mais íntima, mais pessoal e aquela das relações com os outros; entre aquilo que toca o âmbito da consciência e aquilo que está relacionado com o âmbito de governo e de relacionamento com os superiores, talvez se referindo aos casos de abuso sexual e abusos de autoridade que aconteceram.

Isso me parece muito importante. Podemos aprofundar um pouco mais este aspecto da distinção entre foro interno e externo?

Jesús: Temos que fazer isso brevemente, mas é sem dúvida um tema muito importante. A Igreja está insistindo nessa distinção entre foro interno e foro externo, esfera de governo, esfera da consciência, em várias ocasiões e dirigindo-se a várias Instituições e Comunidades cristãs, justamente porque quer evitar abusos, especialmente no que se refere a esta questão dos abusos de poder, abusos de consciência, abusos de autoridade.

Creio que devemos acolher a indicação do Papa neste sentido do ponto de vista da maternidade da Igreja; ou seja, é a Igreja que quer nos ajudar a salvaguardar a pureza do carisma; porque obviamente um carisma como o nosso – mas eu creio que qualquer carisma – não deveria levar ao cometimento de abusos, é um pouco contraditório. No mínimo seria um tanto paradoxal que uma espiritualidade que faz do amor pelo irmão a principal forma de união com Deus caia em abusos de autoridade, de consciência. É um contrassenso.

Então, o Papa quer nos ajudar a salvaguardar a pureza do carisma.

O Papa usou palavras fortes, palavras imperiosas, mas também genéricas, o que significa que ele nos deixa encontrar o caminho certo para atuar essa distinção. Nós devemos encontrar o nosso modo e, a meu ver, isso deve ser feito com uma dupla

fidelidade: fidelidade à Igreja, à sua doutrina, e fidelidade ao carisma. Esta dupla fidelidade que é basicamente uma única fidelidade: é fidelidade ao Espírito.

Giulio: Sim, precisamos encontrar o nosso modo.

## 6) DIALOGANDO COM MARGARET KARRAM (2)

Giulio: Margaret, um outro ponto tratado pelo Papa Francisco está relacionado ao convite, que também parece urgente, para uma sempre maior sinodalidade, “de modo que todos os membros do Movimento – escreve ele – sejam corresponsáveis e partícipes, cada um colocando ao serviço dos outros os próprios dons e as próprias opiniões, na verdade e com liberdade”.

Margaret, como são combinadas a sinodalidade e a corresponsabilidade das decisões de uma parte, com a necessidade da outra, em uma figura de referência que tenha liderança e que saiba tomar decisões?

Margaret: Em primeiro lugar, obrigada, Giulio, por evidenciar este aspecto, porque foi muito importante para nós ouvir o Papa falar sobre isso. Antes de responder, gostaria de dizer que, em todo o discurso do Papa dirigido a nós, participantes da Assembleia, sentimos pessoalmente o amor e o carinho do Papa pelo Movimento dos Focolares. Em todo o seu discurso, embora possa parecer em algumas partes uma repreensão ou algo que nos deixa um pouco de dúvida – “Por que ele está nos dizendo essas palavras?” – eu as tomei como um incentivo, como o amor da Igreja que quer levar-nos cada vez mais a atualizar o nosso carisma. Em vários momentos do seu discurso o Papa continuava dizendo para “sermos fiéis ao nosso carisma”, repetiu com frequência o que Chiara nos disse. Inclusive quando ele falou sobre a sinodalidade, achei muito importante que ele a tenha evidenciado para nós, também com palavras muito fortes. Eu disse a mim mesma: o que o Papa está nos dizendo é o que Chiara viveu e nos ensinou sempre. Chiara sempre nos disse o que significa “sinodalidade” para nós. Sinodalidade significa “caminhar juntos”.

Chiara fez isso durante toda a sua vida. O próprio *Collegamento* que estamos fazendo agora nasceu na década de 1980 porque Chiara desejava que todos nós do Movimento dos Focolares pudéssemos caminhar juntos. Mas Chiara não entendia esse caminhar juntos para estarmos em companhia e para estarmos bem. Ela nos doava a sua vida, a experiência pessoal com Deus e o que Deus realizava no Movimento, os frutos do seu carisma no Movimento inteiro. O *Collegamento* era essa realidade. Mas, acima de tudo, caminhar juntos para Chiara é – e ainda é para nós, espero – caminhar juntos na Santa Viagem para nos ajudarmos a nos santificar juntos.

Se transferirmos isso para os tempos de hoje, sinodalidade é uma palavra – sabemos bem no Movimento dos Focolares – que significa caminhar juntos, mas significa viver juntos segundo a tática da Trindade, que quer dizer amar-nos uns aos outros para penetrar nessa caridade sem medidas, para entrar um no outro a fim de que o Espírito Santo esteja presente nas nossas relações.

Mesmo o fato de participar das decisões, parece-me importante ressaltar, não significa viver a liberdade, a democracia. O carisma da unidade é um carisma que nos



ajuda a viver pela unidade, na unidade. Então, se temos que tomar decisões, devemos estar prontos a ouvir o outro, ouvir a todos, e isso em qualquer nível dos nossos encontros, não apenas no governo.

Não é que agora eu decido, acabou e digo o que penso. Se realmente queremos viver a sinodalidade, devo ouvir a todos, todos têm algo a dizer. Então também tento mudar o que penso depois de ouvir todos os outros. E isso me parece muito importante, porque se eu não estou pronta... Quando cada um de nós está pronto a dar a sua opinião, o seu pensamento – porque cada um tem o seu pensamento, e cada pensamento é uma responsabilidade, um dom, e somos diferentes no modo de nos expressarmos também porque somos de culturas diferentes, de sensibilidades diferentes –, ao doar o nosso pensamento também devemos estar prontos a receber o do outro e, juntos, com essa luz, tendo como base o amor mútuo, saber discernir sobre algo que depois orientará o nosso Movimento, as nossas decisões, as nossas atividades.

Portanto, neste sentido, desde o início, desde que fui eleita, tenho enfatizado muito isso, Queremos que sejam 6 anos em que possamos caminhar em sinodalidade, em discernimento coletivo, para que o governo da Obra não seja dirigido por uma pessoa, e Chiara ressaltou isso muitas vezes: que será guiado por Jesus entre nós, por Jesus no nosso meio.

Neste sentido, eu sinto que formamos um lindo mosaico, e cada peça dele é indispensável. Se faltar uma, não teremos o mosaico. Mas as peças desse mosaico devem ser coladas uma ao lado da outra, perdendo-se na beleza da outra, para oferecer ao mundo que nos cerca um mosaico lindo, um exemplo de sinodalidade, de governo, de liderança diferente da que existe no mundo. Não somos uma organização de uma empresa ou uma organização política, somos uma obra de Deus. Portanto, a liderança para mim é isso: viver para que Deus, Jesus no nosso meio, possa iluminar o nosso caminho. Para mim, sinodalidade é isso.

## **7) INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE CHIARA LUBICH: “PARA SERMOS UM POVO DE PÁSCOA”**

Giulio: Obrigado Margaret, muito bem. Seu discurso me parece um belo ponto de partida, essa sua ênfase para os próximos seis anos, seis anos de governo da Obra com Jesus no meio. Obrigado.

Neste ponto, para concluir, já que estamos na vigília da Páscoa, encontramos um *Collegamento* de Chiara de 1994. É só em áudio, pois era uma ligação telefônica, e era exatamente como hoje, às vésperas da Semana Santa.

Vamos ouvir.

Chiara Lubich: Aproxima-se a Páscoa: a maior festa do ano e, com ela, a Semana Santa repleta dos mais preciosos mistérios da vida de Jesus. Esses mistérios, lembrados principalmente na Quinta, na Sexta-Feira Santa, no Sábado de Aleluia e no Domingo de Páscoa, representam para nós alguns aspectos centrais da nossa espiritualidade. [...]

Como viver, então, às portas da Semana Santa e durante aqueles dias abençoados?

Eu creio que se vivermos a Páscoa, ou seja, se deixarmos que o Ressuscitado viva em nós, celebraremos do melhor modo todos esses acontecimentos.

De fato, para que o Ressuscitado resplandeça em nós, devemos amar Jesus Abandonado e estar sempre – como costumamos dizer – “além da sua chaga”<sup>1</sup>, onde a caridade reina. É a caridade que nos impulsiona a sermos o Mandamento Novo vivido, que nos leva a aproximarmo-nos da Eucaristia, [...]. É a caridade que nos leva a viver a unidade com Deus e com os irmãos. É através dela que podemos ser, de certa forma, “outra” Maria. [...]

Desta forma, todos juntos, seremos realmente aquele “povo de Páscoa” que alguém entreviu no nosso Movimento. [...]<sup>2</sup>

## 8) AS FELICITAÇÕES DE PÁSCOA DE MARGARET KARRAM

Margaret: Depois desse pensamento tão bonito, só quero desejar que esta Páscoa seja uma renovação para todos nós, que possamos, mesmo neste período difícil de pandemia, sentir que nesta Páscoa podemos passar da morte para a vida, das trevas para a luz.

Ocorreu-me que é isso que queremos dar às pessoas que nos rodeiam, onde quer que estejamos no mundo, um pouco de esperança, um pouco de luz, um pouco de alegria nos próximos dias, e que Aquele que ressuscitou da morte caminhe conosco. Assim, não haverá noite, porque Ele está entre nós e sempre haverá luz.

Feliz Páscoa a todos, aos que a celebram agora e aos que a celebrarão mais tarde. Felicidades! Estamos com vocês! Saudações a todos, todos, todos, em todos os continentes. Até a próxima. Felicidades!

Jesús: Feliz Páscoa!

## 9) CONCLUSÃO

Giulio: Obrigado Margaret, obrigado Jesús. Agradeço também a todos aqueles que tornaram possível este *Collegamento*. O próximo *Collegamento* será daqui a alguns meses; vocês vão receber o aviso. Enquanto isso, nos encontraremos todos juntos para a Semana Mundo Unido, de 1º a 9 de maio.

Portanto, obrigado, tchau a todos. Obrigado pela presença e uma Feliz Páscoa!

Gen Verde: Olá a todos e a todas. Nós, do Gen Verde, lhes desejamos uma Feliz Páscoa e também lhes informamos que na Páscoa será lançada a versão italiana de “Call us by name” “Chamados pelo nome”, do qual verã uma breve apresentação.

(Saudações em várias línguas, canção e elenco)

---

<sup>1</sup> Ter um amor semelhante àquele de Jesus, o qual, na cruz, embora sentindo-se abandonado pelo Pai (Mt 27, 46) (a «chaga» do abandono), entregou a Ele o seu espírito (Lc 23, 46). A expressão indica a plena aceitação do sofrimento.

<sup>2</sup> Cf. “Para sermos um povo de Páscoa”, Sierre, 24 de março de 1994, in Chiara Lubich, *Conversazioni in collegamento telefonico*, Roma 2019, pp.461-462.